

CRIANÇA E LIVRO COMBINAM MUITO BEM:
A VISÃO DE INFÂNCIA NOS TEXTOS INFANTIS DE ERICO
VERISSIMO

Márcia Ivana de Lima e Silva*

*Demorou muito tempo até que se desse conta de
que as crianças não são homens ou mulheres em
dimensões reduzidas. As crianças criam para si,
brincando, o pequeno mundo próprio.*

Walter Benjamin

RESUMO

Erico Verissimo é um autor reconhecido por suas narrativas para adultos. Seus textos para crianças são, entretanto, pouco explorados. Busco, neste trabalho, lançar luz sobre as seis histórias infantis publicadas na década de 1930, com o objetivo de analisar a visão de infância presente em tais textos de Erico Verissimo. São eles, em ordem cronológica, *Os três porquinhos pobres* (1936), *As aventuras do avião vermelho* (1936), *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), *O urso com música na barriga* (1938), *A vida do elefante Basílio* (1939) e *Outra vez os três porquinhos* (1939).

Palavras-chave: Erico Verissimo; literatura infantil; visão da infância.

ABSTRACT

Erico Verissimo is known as an author of novels. But he wrote also six stories for children, which are less analysed. My goal in this paper is to explore these texts looking for the childhood view that they show. In chronological order those are the stories: *Os três porquinhos pobres* (1936), *As aventuras do avião vermelho* (1936), *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), *O urso com música na barriga* (1938), *A vida do elefante Basílio* (1939) e *Outra vez os três porquinhos* (1939).

Keywords: Erico Verissimo, children's literature, childhood view.

* Doutora em Linguística e Letras PUCRS, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Erico Verissimo é um autor reconhecido, principalmente, por sua produção romanesca para o público adulto. Mesmo nos textos escritos para os jovens, como *A vida de Joana D'Arc* ou *As aventuras de Tibicuera*, encontramos tanto a densidade narrativa quanto a complexidade da linguagem tão características de romances como os que compõem a trilogia *O tempo e o vento*, por exemplo. Ao lado de tal produção destinada ao leitor mais maduro, digamos assim, existem seis narrativas para crianças, surgidas na década de 30: *Os três porquinhos pobres* (1936), *As aventuras do avião vermelho* (1936), *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), *O urso com música na barriga* (1938), *A vida do elefante Basílio* (1939) e *Outra vez os três porquinhos* (1939). Interessamo-nos investigar qual a visão de infância dessas narrativas.

Historicamente falando, a literatura infantil apareceu apenas recentemente durante o século XVIII. Seu surgimento decorre da ascensão da família burguesa, da importância concedida à infância na sociedade a partir de então e da reorganização da escola. Sua associação com a pedagogia retardou-lhe o reconhecimento em termos de valor estético, já que as histórias eram elaboradas com fins doutrinários, adiando, assim, sua entrada no reduto seletivo da literatura. Philippe Ariès lembra que até "por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo" (ARIÈS, 1981, p.50).

Enquanto nos textos literários em geral o fator de diferenciação é atribuído à linguagem (poesia x prosa), aos modos de representação (narração x diálogo) ou ainda ao assunto (relato policial, romance de tese, etc.), na literatura infantil é o público leitor que se espera atingir que a define. Tal característica torna de suma importância o estudo da representação de infância no texto, pois é a partir daí que podemos compreender sua intenção. O aspecto representativo pode ocorrer através de personagens adultos, personagens crianças ou ainda animais. O importante é que o leitor encontre um elo com o texto e consiga identificar a si próprio e/ou situação em que vive a partir do mundo ficcional que lhe é apresentado.

Walter Benjamin assim reconstitui a história do livro para crianças em seu ensaio "Velhos livros infantis":

Com sua forma de educação os filantropos colocaram à prova o imenso programa de formação humanitário. Se o homem era piedoso, bom e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e mais sociável. E como em todas as pedagogias teoricamente fundamentadas a técnica da influência objetiva só foi descoberta mais tarde e aquelas

advertências problemáticas constituíam o início da educação, assim também o livro infantil tornou-se, nos primeiros decênios, moralista, edificante e variava o catecismo e exegese no sentido de deísmo. (BENJAMIN, 1984, p.49)

Seguindo o raciocínio de Benjamin, podemos dizer que, desde seu surgimento, a literatura infantil destinou-se à preparação intelectual e moral das crianças; por isso sua associação à pedagogia. A partir disso, é que se coloca uma das questões fundamentais da literatura para crianças: a visão de infância é redutora ou emancipatória?

Um texto infantil redutor apresenta uma criança sem iniciativa própria, totalmente submissa à dominação adulta; ele, de uma certa forma, perpetua a dominação, não abrindo espaço para que a criança questione as normas já estabelecidas. Um texto emancipador, ao contrário, estabelece um diálogo ativo com o leitor, promovendo uma tomada de posição através do questionamento do sistema apresentado. Tendo como foco central as narrativas de Erico Verissimo para os pequenos leitores, pensaremos tal dicotomia em relação ao universo infantil apresentado.

O livro *Os três porquinhos pobres*, de 1936, conta a história de três porquinhos – Sabugo, Salsicha e Linguicinha – que deixam o chiqueiro onde moram em busca de uma vida mais feliz e mais tranquila. Impulsionados pelo filme "O lobo mau – as aventuras dos três leitõesinhos", visto no cinema, eles saem pelo mundo à procura de aventuras. Em todas as situações adversas, os heróis mostram-se capazes de resolver os problemas: são presos na floresta encantada, mas fogem juntamente com o tatu; sentem fome e fazem gemada com um ovo de avestruz.

A criança leitora identifica-se com os porquinhos, justamente por suas características infantis, pelas brincadeiras que praticam, pelos gostos que compartilham. A partir de tal identificação, é representada uma criança capaz de "ir à luta", de buscar soluções para os problemas que se apresentam e, principalmente, de tentar mudar uma situação que não lhe agrada, já que os porquinhos saem de casa porque estão descontentes com o quintal onde moram. A recompensa é encontrar um lugar que a satisfaça, como os heróis que se sentem felizes no novo lar. Entretanto, o final em aberto mostra que, no momento em que a situação não agrada mais os porquinhos, eles estão aptos a sair e a buscar um novo espaço, encorajando o jovem leitor a também ele ser alguém pronto à busca da felicidade.

Fernando é o herói de *As aventuras do avião vermelho*, de 1936. Este menino travesso ganha um livro de seu pai com a condição de se comportar bem. Através do livro, ele conhece as aventuras do Capitão Tormenta e pede

um avião vermelho igual ao do herói, com o qual se identifica. Diminuindo com o auxílio de uma lente, Ferdinandinho sai pilotando o avião em aventuras pelo universo com o Ursinho Ruivo e o boneco Chocolate. Após viverem muitas experiências (eles vão à Lua, à Ásia e à África), nossos heróis voltam para casa, e Fernando é repreendido pelo pai por ter estragado seu novo brinquedo.

Em todas as aventuras, os três amigos são bem sucedidos e têm o controle da situação. No final da narrativa, percebemos a superioridade do menino em relação ao pai, pois somente aquele compreende o que realmente está se passando: o adulto não tem acesso à sua fantasia, portanto, não participa da aventura. O trecho abaixo mostra sua constatação:

Fernandinho compreendeu tudo. Papai não sabia da aventura. Eles tinham fugido de casa ontem. Quando a gente é pequeno, do tamanho dum dedo minguinto, cada dia dos grandes vale cinco dos nossos. (VERISSIMO, 1986, p.47)

O pequeno aviador torna-se, assim, um exemplo de perseverança para os leitores mirins, pois nem mesmo a repreensão do adulto desencorajou-o a sonhar e a criar seu mundo de fantasia, no qual ele é o herói. Nesse sentido, a proposta do texto é libertadora, ao incentivar a criança a usar sua capacidade imaginativa, que lhe permite elaborar sentimentos contraditórios e negativos, elaboração esta que lhe será muito útil para solucionar problemas na vida prática.

Rosa Maria no castelo encantado, também de 1936, narra as peripécias da menina Rosa Maria no castelo encantado, onde mora o mágico. Aqui, mais uma vez, somente as crianças têm acesso ao mundo maravilhoso do castelo como afirma o próprio mágico no início da narrativa:

Eu sou um mágico. Moro num castelo encantado. Os homens grandes não sabem de nada. Só as crianças é que conhecem o meu segredo... Só as crianças é que enxergam o meu castelo encantado. (VERISSIMO, 1986, p.3-4)

Através de um livro, Rosa Maria e seus amigos (as cinco bonecas – Bá, Bé, Bi, Bó, Bu – e o cachorro Cachorro-Quente) encontram várias personagens de histórias infantis (Branca de Neve e seu príncipe, os 7 anões, o Príncipe que virou sapo, o Gato de Botas, o Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho, a Bela Adormecida, Joãozinho e Maria) e conhecem o funcionamento de uma colméia, explicado por Dona Abelha. Todas essas experiências incitam Rosa Maria e seus companheiros à aventura e transformam a menina num ser "com vida", assim como o mágico havia feito com as bonecas e o cachorro.

SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 49, p. 93-101, jul./dez. 2005.

Essa nova condição da boneca coloca o leitor diante do fato de que viver significa agir, pensar, brincar, participar de aventuras, correr riscos, enfim lançar-se ao mundo como um ser autônomo. Rosa Maria é agora uma criança tal qual o leitor, que se sentirá potencialmente pronto a viver e a experimentar, devido à identificação que ocorre durante a leitura.

O urso com música na barriga, de 1938, conta a história de um ursinho, o Urso-Maluco, que pede à Cegonha-Cor-de-Rosa um irmãozinho com música na barriga. Nasce, assim, o Urso-com-Música-na-Barriga que, devido a uma travessura do Urso-Maluco, é levado por um lenhador para a cidade, onde passa por várias aventuras até voltar para a casa de seus pais no Bosque Perdido.

Nesse livro, encontramos, mais uma vez, a personagem principal frente a uma situação adversa que consegue ser superada graças à ação dela própria. O Urso-com-Música-na-Barriga reage à tentativa do menino Rafael de abrir sua barriga para ver o que tem dentro:

Sentindo a picada da ponta da tesoura, o ursinho deu um pulo e de sua boca saiu uma nota desafinada. Ele então arreganhou os dentes, cresceu para o menino, derrubou-o e fugiu do quarto. Desceu as escadas, jogou ao chão um criado que ia subindo e ganhou a rua, desesperado. (VERISSIMO, 1986, p.45)

Assim, o pequeno urso é recompensado por sua atitude e encontra a casa dos pais com a ajuda da Lua.

A situação inicial que se apresenta é a de que o irmão quer muito a companhia de um irmãozinho, mas acaba por provocar o afastamento deste de casa. O leitor é, então, colocado diante da "rejeição", pois o irmão mais velho abandona o Urso-com-Música-na-Barriga. No entanto, a história prossegue, mostrando que é possível superar tal sentimento negativo, através da força de vontade e do amor próprio, qualidades que não faltam ao herói. Benjamin lembra que "a criança tem um sentido aguçado mesmo para uma seriedade distante e grave, contanto que esta venha sincera e diretamente do coração" (BENJAMIN, 1984, p.50). É o que ocorre com esta narrativa que encanta o coração e desperta a consciência.

Um elefante, nascido na Índia, que é capturado por homens e lavado para a cidade, é o herói de *A vida do elefante Basílio*, de 1939. Na cidade, ele, inicialmente, mora num zoológico e depois é vendido para um circo, com o qual viaja para o Brasil e conhece Gilberto, por quem se afeiçoa e com quem passa a morar.

Basílio é um elefante bonzinho que tem um sonho: ser borboleta. Com o auxílio de um pozinho mágico, dado pelo anão Silvo, nosso herói cria asas de

SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 49, p. 93-101, jul./dez. 2005.

borboleta e sai pelo campo voando em busca de aventuras. Querer ser borboleta implica experimentar outras formas de vida. Apesar de algumas adversidades, Basílio não desiste de tentar viver e de procurar seu caminho, como vemos no trecho final:

Felizmente não caiu na terra dura. Caiu num monte de feno. Levado para o hospital, ficou bom depressa e pronto para novas aventuras. (VERISSIMO, 1986, p.47)

A criança identifica-se com o elefantinho e passa a encarar os percalços da vida não como dificuldades intransponíveis, mas, sim, como acontecimentos que devem ser encarados com naturalidade e, ainda, servirem como estímulo de novas atitudes. Basílio não cansa de buscar a realização de seu sonho e mostra que estava certo em querer, pois assim garantiu sua felicidade.

Por fim, Erico Verissimo retoma, em 1939, os porquinhos Sabugo, Salsicha e Linguicinha. Em *Outra vez os três porquinhos*, nossos heróis abandonam o quintal onde moram e, inspirados nos Três Mosqueteiros, saem em busca de novas aventuras. Encontram o Gato-Pingado, que se une a eles como D'Artagnan, e juntos resgatam a Princesa Gata Fulva de seus seqüestradores. Por tal feito heróico, todos são recompensados, como vemos no seguinte trecho:

O Rei Félix I ficou muito contente com o aparecimento da filha e deu-a em casamento ao valente Gato-Pingado. Os três porquinhos foram condecorados: ganharam muitas medalhas. (VERISSIMO, 1986, p.46)

Assim como no livro anterior, os três porquinhos conseguem resolver o problema que se apresenta, ou seja, se afirmam, novamente, como seres aptos a enfrentar o mundo e conquistá-lo. Para a criança, que certamente identifica-se com os heróis, fica a sensação de sucesso e, principalmente, de potencialidade, pois o final em aberto mostra a possibilidade de êxito em novas aventuras.

Os seis textos para crianças de Erico Verissimo apresentam, pois, uma visão de infância emancipatória. Dessa forma, colaboram para o desenvolvimento da autoconfiança da criança, bem como da capacidade de agir e reagir frente às situações. Além disso, as obras possuem um grande valor instrutivo, já que alargam os conhecimentos dos pequenos leitores (como por exemplo, quando em *As aventuras do avião vermelho* o narrador explica o que é "mandarim"; ou, ainda, quando em *A vida do elefante Basílio*, ficamos sabendo o que é uma "biografia" e compartilhamos das explicações dadas a Basílio por seus pais).

É importante observar, ainda, quatro aspectos extremamente positivos nesses livros. O primeiro deles é o diálogo constante do narrador com o leitor, o que acarreta uma aproximação ainda maior deste com o texto e, conseqüentemente, com o herói. O narrador chama o leitor a participar e a opinar através de expressões do tipo "e você, meu amigo", "como vocês sabem", "esta história que vocês estão lendo", "você esperou o cachorro para brigar?", colocando o leitor como cúmplice da história. Além do mais, o narrador não é autoritário, pois manifesta suas dúvidas e declara seus erros, igualando-se à criança. Como exemplos, temos "Ele não sabia bem o que queria dizer filosofia. Eu também não sei..." ou, ainda, "Eu falei em peixe? Deve haver engano... A troco de quê os peixes haviam de ter medo da água?", ambos de *A vida do elefante Basílio*.

O segundo aspecto é o tipo de adulto que aparece nas obras. Afora o mágico de *Rosa Maria no castelo encantado*, que, além de propiciar uma nova experiência à menina e seus amigos, incentiva-os, e a todos os leitores também, a buscarem aventuras, todos os outros adultos são autoritários com as crianças. Os donos dos chiqueiros em que os três porquinhos moram, os papais-ursos ou os pais de Ferdinando e de Basílio impõem sua visão de mundo de adulto, cerceando o mundo infantil. Só resta aos pequenos fugir desta condição inferior através da fantasia. Nela, eles estão livres para criar suas próprias regras e para exercitar sua capacidade crítica. Todos eles, entretanto, retornam à sua condição anterior, ou seja, à realidade. Isto demonstra a visão realista de Verissimo em relação aos universos infantil e adulto, pois o conflito de gerações tem sido uma constante através dos tempos. Benjamin observa que "a criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não 'infantil'" (BENJAMIN, 1984, p.50), ou seja, a narrativa já a prepara para os conflitos futuros.

Elementos fantásticos, terceiro aspecto, são utilizados em todas as narrativas, tanto como forma de organização do texto em sua totalidade quanto como detalhes que aparecem no decorrer da história. Jaqueline Heid alerta para a importância do fantástico para crianças:

Supõe-se habitualmente que o fantástico reprime na criança a construção do real, como se o real devesse inevitavelmente ser elaborado contra o imaginário, ou o imaginário contra o real. [Tal concepção] nascerá de duas causas tão ligadas: de um lado, espécie de desprezo inconsciente da criança, subestima-se sua capacidade de aprender a construir, pouco a pouco, uma ficção sabendo que é uma ficção, de entrar na ficção de outrem tendo consciência disso. De outro lado, visão muito esquemática e dicotômica do desenvolvimento respectivo da inteligência lógica conceitual, e da imaginação. (HELD, 1980, p.47-8)

A criança tem consciência do caráter ficcional do texto que lê e é capaz de "gerenciar" seu envolvimento com a história e mesmo sua identificação com as personagens, à medida que amadurece como pessoa e como leitor. Para Elza Dias Pacheco, é "inaceitável acreditar que [...] a criança seja passiva e acrítica. É inaceitável pensar que ela confunda ficção com realidade. Aliás, eu creio que uma não existe sem a outra. Não há realidade que não seja mesclada de ficção e esta baseia-se no real. A criança...transita de uma para a outra e se diverte." (PACHECO, 1995, p.46-7). O que começa como divertimento transforma-se em aprendizado e conseqüente amadurecimento.

O quarto e último aspecto a ser observado é a presença de livros nas histórias. Excetuando *O urso com música na barriga* e *Os três porquinhos pobres* (este último ainda conta um filme), todas as outras narrativas apresentam o livro como impulsionador da ação ou, ao menos, como companheiro (como em *A vida do elefante Basílio*, em que Basílio lê romances de aventura, livros de poesias e biografias antes de dormir). Tanto Rosa Maria, Fernadinho, como os três porquinhos passam a ser aventureiros após o contato com o livro. É através dele que essas personagens ampliam sua visão de mundo e começam a agir, transformando a realidade em que vivem.

Acreditamos que o próprio Erico Veríssimo indica a resposta que devemos obter ao analisar seus textos infantis: o livro é o meio com o qual a criança se exercita na tarefa de elaborar sua vida futura, e é através da leitura que ela efetivamente exerce sua liberdade. Nessa medida, o autor concorda com Vincent Jouve, para quem:

É [...] a criança que fomos que permite acreditar nas narrativas romanescas. Havia uma época em que reinava a lenda, em que o ser e o parecer não se distinguíam (quem nunca acreditou em Papai Noel?). Esse consentimento eufórico na ficção nunca desaparece totalmente (nossa relação com a figura de Papai Noel sobrevive à tomada de consciência de sua ficcionalidade). Nossas crenças infantis, reativadas em certas condições (entre elas a situação de leitura), subentendem nossas crenças de adultos. Assim que abrir um romance, é a criança que renasce (pele menos em certo nível). (JOUVE, 2002, p.117)

O pequeno leitor, que se transformará em leitor adulto, já exercita, através dessas seis narrativas, sua capacidade imaginativa e crítica, preparando-se para a complexidade do mundo e da natureza humana. O livro auxilia, pois, a sedimentar a base emocional, que acompanha os seres humanos através dos tempos, a qual é, para Erico Veríssimo, fator decisivo no relacionamento do homem com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE ERICO VERÍSSIMO

- Os três porquinhos pobres*. Il. Rui Oliveira. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 47 p.
- As aventuras do avião vermelho*. Il. Walter Ono. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 47 p.
- Rosa Maria no castelo encantado*. Il. Denise e Fernando. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 47 p.
- O urso com música na barriga*. Il. Eliardo França. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 47 p.
- A vida do elefante Basílio*. Il. Carlos de Brito. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 47 p.
- Outra vez os três porquinhos*. Il. Ivan e Marcello. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 47 p.

BIBLIOGRAFIA TEÓRICO-CRÍTICA

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. 3. ed. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a literatura infantil*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978. 80p.
- HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1980.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- PACHECO, Elza Dias. "A linguagem televisiva e o imaginário infantil" In: *Comunicação e Educação*, v.2, SP, 1995. p.43-48.
- ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lúcia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. 160p. (Ensaio, 82)